

APRESENTAÇÃO

As letras no Amazonas, até os anos de 1950, aproximadamente, revelavam um renitente apego aos modelos parnasianos e simbolistas na poesia, ao lado da repetição de fórmulas desgastadas do naturalismo na prosa. Para usar uma expressão da lavra de Mário de Andrade, cultuavam-se os “mestres do passado”. Essa literatura, com as raras exceções de que se tem nota, apresentava-se ao público como uma árvore que ostentava frutos temporãos, daqueles que frutificam fora do tempo adequado. O que caracteriza o fruto temporão é a falta de sabor, porque lhe falta a vitalidade necessária que só a estação apropriada pode proporcionar. Assim era aquela literatura feita um tanto de frente para o passado.

No decurso do ciclo da borracha, que corresponde às últimas décadas do século XIX e às primeiras do século XX, a literatura no Amazonas, de uma forma geral, era feita como segue: a poesia oscilava entre reiteraões simbolistas e decalques parnasianos, com concessões abertas aqui e ali para o Romantismo. Interessante é constatar que, em pleno ciclo da borracha, a poesia passou por alto o próprio ciclo, ignorando-o solenemente. Quanto à prosa, ateve-se a um paisagismo que Mário Ypiranga Monteiro chamou de “geografismo infernista”. Adotando quase sempre uma perspectiva naturalista, muitos ficcionistas do período acabaram imergindo numa linguagem de acentuado mau gosto e elaborando cenas extravagantes de violência e asco.

Chegando os anos de 1950, as conquistas estéticas alcançadas pela geração de 1922 ainda não haviam chegado ao Amazonas. Apenas alguns tênues sinais de modernismo – ainda assim um modernismo mal assimilado – poderiam figurar como exceções em meio ao marasmo. É o caso dos seguintes livros de poesia: *Poemas amazônicos*, de Pereira da Silva (1927), e *Ritmos de inquieta alegria*, de Violeta Branca (1935). Essas duas obras, em que pesem os senões oriundos das reiteraões parnaso-simbolistas ou românticas, têm o mérito de enxertar a “novidade” dos versos livres na literatura local. Some-se a esses o caso exemplar de Thiago de Mello, com os livros *Silêncio e palavra* (1951) e *Narciso cego* (1952), por ter sido ele o primeiro poeta amazonense a construir uma poesia perfeitamente sintonizada com a geração de 45, nesses dois excelentes livros que lhe renderam sucesso imediato junto ao público e à crítica em todo o país.

Na prosa de ficção, o destaque recai sobre as figuras do amazonense Alberto Rangel, com *Inferno verde* (1927), e do português Ferreira de Castro, com *A selva* (1930). Rangel, em

Todos os conceitos e opiniões, além das correções gramaticais dos trabalhos publicados nesta revista, são de inteira responsabilidade de seus autores

onze narrativas, apresenta diversos flagrantes da Amazônia sob o ângulo do infernismo tão cultivado nas letras amazônicas de então. Apesar de ser um livro palavroso, pela visível tentativa do autor em ombrear a linguagem erudita de Euclides da Cunha, de quem era amigo, a obra apresenta narrativas que podem ser lidas como contos ou como capítulos de um romance, o que seria uma concepção moderna de construção ficcional, sem dúvida. Há um narrador-viajante como fio condutor a conferir unidade entre as narrativas. Narrador-topógrafo que, em sua faina de agrimensura, forçosamente tem que se deslocar de uma paragem a outra, e, nesse deslocamento, vai registrando as cenas e cenários que presencia em cada parada. Ferreira de Castro, por sua vez, tendo vivido alguns anos em um seringal no rio Madeira, próximo a Humaitá, soube recriar com precisão de linguagem o submundo dos seringais, sem incorrer na doença do geografismo edenista ou infernista, muito em voga à época. Esses casos aqui citados, reitero, são honrosas exceções em meio a um clima de total estagnação cultural e evidente atraso, anteriormente à criação do Clube da Madrugada. São autores que se situaram fora dos limites da mesmice que nivelava praticamente todos os demais.

Até que chegou o ano de 1954. Quem viveu a noite do dia 21 de novembro daquele ano possivelmente não seria capaz de sequer imaginar que a madrugada do dia seguinte haveria de entrar para a história. Na praça Heliodoro Balbi – que posteriormente ficaria conhecida como Praça do Ginásio ou Praça da Polícia – mas que à época se chamava Praça da Constituição, reunidos sob a copa de um imponente e secular mulateiro que ainda hoje lá se encontra, desafiando os tempos, jovens intelectuais e artistas sedentos de renovação artística e cultural no Amazonas decidiram criar uma agremiação em torno da qual haveriam de se congregar para, de forma sistemática, promover discussões, debates e teorizações que os levariam a ações concretas no sentido da atualização da empoeirada cultura amazonense. A essa recém-nascida agremiação, deram o sugestivo nome de “Clube da Madrugada”.

O pesquisador Marcos Frederico Krüger, que desenvolveu um importante estudo a respeito da poesia no Amazonas, assinala que esse nome dado ao movimento, além do seu sentido mais literal de que os encontros dos artistas aconteciam à noite e invadiam as madrugadas, traduzia também o sentido simbólico de uma nova manhã na literatura do Amazonas, considerando-se que a madrugada sempre precede uma nova manhã, um novo dia. O Clube da Madrugada, então, prenunciaria uma nova manhã para a literatura no Amazonas, o sentido metafórico da renovação. E foi o que, de fato, aconteceu, uma vez que aqueles jovens artistas guiavam-se pelo binômio “atualização cultural e renovação das artes”. Poetas

Todos os conceitos e opiniões, além das correções gramaticais dos trabalhos publicados nesta revista, são de inteira responsabilidade de seus autores

e ficcionistas vinculados ao Clube, movidos por essa ânsia de renovação, apresentaram propostas singulares de prática literária. Dezenas de livros que hoje são estudados nas universidades, na graduação e na pós-graduação, testemunham da importância histórica desse movimento e do seu alcance na posteridade.

Este número especial da Revista Decifrar foi organizado com o objetivo de refletir sobre a produção literária do Clube, na efeméride do 60º aniversário de sua fundação. Passados sessenta anos daquele momento histórico, é possível exercitar um olhar retrospectivo e avaliar a importância daquela agremiação e seu legado para a literatura. Assim sendo, os artigos aqui reunidos, em seu conjunto, pretendem contribuir no sentido de tornar conhecida a história do Clube, assim como divulgar a produção literária de seus autores mais expressivos, como forma de homenageá-los na efeméride da passagem dos sessenta anos da fundação dessa relevante agremiação, que rompeu com a defasagem de quase meio século entre a literatura produzida no Amazonas e o que se fazia nos centros mais desenvolvidos do país. E aproveitando o ensejo, este número da Revista veicula também artigos que tratam de outros temas ligados à literatura produzida no Amazonas e na Amazônia. Os autores são pesquisadores, professores e alunos de graduação e pós-graduação de diferentes universidades que submeteram seus textos para publicação.

Além desses artigos, em número de dezesseis, a edição traz também uma entrevista com o pesquisador Marcos Frederico Krüger.

Boa leitura.

Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha
Organizador da edição comemorativa dos 60 anos
da criação do Clube da Madrugada